

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

Programa de extensão

MUSEOLOGIA NA UFRGS: trajetórias e memórias

Projeto de pesquisa

OBSERVATÓRIO MUSEOLOGIA/UFRGS: trajetórias e memórias

Projeto de pesquisa

HISTÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA A PARTIR DA ATUAÇÃO DE SEUS AGENTES

LIZETE DIAS DE OLIVEIRA

(entrevista)

Porto Alegre

2023



Programa de extensão: Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias

Projetos de pesquisa: Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias e História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes

Número da entrevista: MSL6.3.3

Entrevistada: Lizete Dias de Oliveira

Nascimento: 22 de abril de 1962

Entrevistadores: Klara Maciel Albarenque, Vitória Werlang Giralde e Sérgio Luiz Valentim Júnior

Data da entrevista: 7 de fevereiro de 2023

Local da entrevista: Porto Alegre, Jardim da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Transcrição: Amanda Trois da Silva, Klara Maciel Albarenque, Vitória Werlang Giralde e Sérgio Luiz Valentim Júnior

Conferência Fidelidade: Ana Carolina Gelmini de Faria e Marlise Giovanaz

Copidesque: Ana Carolina Gelmini de Faria, Lourdes Maria Agnes e Marlise Giovanaz

Pesquisa: Disciplina Tópicos Especiais em Memória Social

Total de gravação: 1h37min

Páginas digitadas: 15p.

O programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* e os projetos de pesquisa *Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias* e *História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes* estão autorizados, a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por ambas as partes, a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, esta entrevista de cunho documental e histórico. As pesquisas estão certificadas pela Plataforma Brasil, CAAE: 59281922.1.0000.5347 e CAAE 58646822.5.0000.5347, respectivamente. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo:

OLIVEIRA, Lizete Dias de. **Lizete Dias de Oliveira.** [Entrevista concedida a] Klara Maciel Albarenque, Vitória Werlang Giralde e Sérgio Luiz Valentim Júnior. Porto Alegre: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/ UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes, 7 de fevereiro de 2023. 15p.



Fotografia de Sergio Luiz Valentim Júnior, 2023

Lizete Dias de Oliveira possui Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1988), Bacharelado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1989), Especialização em Arqueologia Subaquática – Instituto Tomar (2014), Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1993), Mestrado / Diplome d'Études Approfondies Archéologie des Périodes Historiques - Université Paris I (Panthéon-SORBONNE) (1994) e Doutorado em Histoire de L'Art et Archéologie - Université Paris I (Panthéon - SORBONNE) (1997), e Pós-doutorado em Ciência da Informação - Universidade do Porto. É professora aposentada do Departamento de Ciências da Informação (DCI) da Faculdade e Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom/UFRGS) e uma das docentes idealizadoras do curso de graduação em Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa/UFRGS). Tem experiência na área de Arqueologia, com ênfase em Arqueologia Histórica e Subaquática, atuando principalmente nos seguintes temas: Arte Rupestre, Arqueologia, História, Semiótica, Ciência da Informação, Museologia e cultura material.



Porto Alegre, 7 de fevereiro de 2023. Entrevista com Lizete Dias de Oliveira, a cargo dos pesquisadores Amanda Trois da Silva, Klara Maciel Albarenque, Vitória Werlang Giralde e Sérgio Luiz Valentim Júnior, sob supervisão das professoras Ana Carolina Gelmini de Faria e Marlise Giovanaz, para o Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, o Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias, e o Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes.

V.W.G. - Vamos começar aquecendo os motores: a gente gostaria que tu contasses um pouco sobre ti. Idade, onde nasceu, moradia, profissão e se tem filhos.

L.D.O. - Eu nasci em Alegrete e sou arqueóloga. Sou filha da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] na verdade, porque eu fiz a graduação em História aqui na UFRGS e depois eu fiz um mestrado em História Ibero-americana na PUC [Pontifícia Universidade Católica], aí fiz doutorado na França, e depois eu dei aula na ULBRA [Universidade Luterana do Brasil] quando voltei do meu doutorado durante um tempo em que Fernando Henrique Cardoso estava no governo [foi Presidente da República entre os anos de 1995 a 2002]. Ele estava sucateando o Estado todo. Não havia concursos. Eu recebi uma bolsa de recém-doutor no curso de História da UFRGS. Quando acabou a bolsa, comecei a dar aulas na ULBRA, durante alguns anos... não me lembro quantos... até 2005 ou 2006, quando então eu entrei aqui na FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Era ligada ao Departamento de Ciências da Informação, mas era concursada em vaga do curso de Arquivologia. Depois eu saí para o pós-doutorado, em Portugal, no Porto. Trabalhei muito tempo como fotógrafa também, então eu tinha uma ideia muito visual da História. Lembro que meu TCC [Trabalho de Conclusão de Curso] foi sobre a história da Redenção, há muitos anos, quando nem se trabalhava muito com essas questões na História. Eu estudei os monumentos e recantos que havia na Redenção.



K.M.A. - E ao longo da sua vida, como se deu a sua aproximação com a Museologia? Já conhecia a área? Foi antes de vir para a Faculdade?

L.D.O. - Eu acho que desde que eu comecei a trabalhar com Arqueologia. Como eu era fotógrafa e fazia vídeos também, eu entrei para a Arqueologia para fazer a documentação fotográfica e vídeos. Naquela época os vídeos estavam começando. Eram meio novidade. Eu tinha uma câmera com um gravador separado que ficava ao lado do corpo, sabe? Depois compramos um segundo gravador e a gente editava de um gravador para o outro. Em cortes secos. Era uma coisa muito precária. Desde que eu comecei a trabalhar com Arqueologia, eu comecei a trabalhar com documentação e, claro, documentação tem tudo a ver com questões da Museologia. Eu me lembro que o primeiro projeto que eu fiz depois de formada em História, foi trabalhando na PUC [Pontifícia Universidade Católica], para fazer a documentação do projeto de Arqueologia Missioneira. Bom, naquele tempo a gente registrava o trabalho de campo e de laboratório em diapositivos, slides. Só que eram os mesmos slides que eram usados para as palestras do projeto. Eu tinha toda uma questão contra usar os slides da documentação em projetores para palestras. Mas o projeto não tinha dinheiro porque tudo era muito novo e caro. Eu me preocupava porque cada vez que faziam uma palestra, usava o slide que documentava a escavação toda... E a imagem ia ficando cada vez mais fraquinha. Então, eu fiz um projeto em que gravei em vídeo, em VHS [Vídeo Home System], todo o acervo fotográfico e todos os mapas e tudo desse projeto em que eu trabalhava, e que se chamava Arqueologia Missioneira. E editei vídeos sobre as Missões. Então, vem daí. Vem da documentação. Eu entrei na Museologia via a documentação.



V.W.G. - Também sobre a Museologia, a gente queria saber como aconteceu a tua adesão ao grupo que criou o curso e como foi esse processo.

L.D.O. - Era um grupo bem heterogêneo. Eu lembro que tinha a professora Iara [Conceição Bitencourt Neves], tinha a professora Martha [Eddy Kling] Bonotto, também. Acho que talvez vocês vão entrevistá-la, não sei. Ela participou durante toda a primeira fase. Porque a gente começou fazendo uma pesquisa de mercado, que era o que precisava para o curso. Então, fizemos uma pesquisa de mercado, tabulamos e ao mesmo tempo a gente ia discutindo como seria o currículo. Fizemos um estudo sobre os cursos de Museologia que existiam naquela época. Eu acho que eram dois ou três, se não me engano. E foi um processo bem longo. Não me lembro quanto tempo durou, mas a gente se reunia de tarde, se não me engano... Estou com a memória um pouco "assim"... Mas a gente se reunia uma vez por semana para discutir o curso ali, na antiga Biblioteca Escola.

K.M.A. - E na época, por que achou que seria necessário ajudar a criar esse curso de Museologia na UFRGS? Por que considerou que seria bom tê-lo no currículo da UFRGS?

L.D.O. - Bom, essa é uma conversa bem longa. Eu sempre via a Museologia, a Arqueologia e a Biblioteconomia como Ciências da Informação em geral. E eu acredito que não tenha lugar melhor para funcionar um curso de Museologia do que numa faculdade como a FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação]. Então, eu acho que é via informação, também. Por isso que eu acho que é importante. E, claro, depois houve vários percalços pelo curso de Museologia estar ligado às Ciências da Informação, mas eu continuo acreditando que, sim, é o lugar da Museologia junto com a Arquivologia e com a Biblioteconomia. Eu continuo achando isso.



V.W.G. - **E houve alguma resistência ou algum empecilho para a criação do curso?**

L.D.O. - Sim, muitos! [Risos]. Muitos. Aí entramos já na lama [risos]. Houve muitos problemas mas ao mesmo tempo uma conjuntura nacional muito favorável ao curso, porque teve o REUNI [Programa de Apoio a Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais] e foi o REUNI [Programa de Apoio a Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais] que fez com que o curso pudesse realmente acontecer. E vocês não imaginam o que era a FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] antes da Museologia. E agora, puxando a sardinha para o nosso lado aqui, mas a FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] estava totalmente sucateada, sabe? Os cursos da Comunicação [Departamento de Comunicação] estavam muito sucateados e não tinha infraestrutura. Então, com o REUNI [Programa de Apoio a Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais] nós ganhamos muito dinheiro e dez vagas de professores. Só que a questão era que o curso começou a funcionar junto ao Departamento das Ciências da Informação, junto com a Biblioteconomia. Só que a Biblioteconomia tinha muito mais professores e a Arquivologia tinha quase nada de professores, acho que uns quatro ou cinco professores, talvez, que eram mais ligados a Arquivologia. Né, Marlise [Giovanaz]?

M.G. - É.

L.D.O. - Claro, os primeiros anos foram muito difíceis porque a gente começou do zero, praticamente não tinham professores para lecionar. Então, a gente dava várias disciplinas. E o pessoal da Biblioteconomia não queria o curso. Certamente não queria. Sobre o pessoal da Arquivologia, eu nunca soube muito bem qual era a postura, se eles queriam ou não. Mas eles não davam muito quórum, na questão de que era uma, entre aspas, democracia, numa plenária em que a maioria dos professores eram bibliotecários que não queriam



o curso e os poucos da Arquivologia, a Marlise [Giovanaz], eu, e pouquíssima gente que fazia pelo curso...

M.G. - Tu te lembra da alcunha “a estrelinha”? A Museologia era a “estrelinha do Departamento” porque a gente tinha feito entrar dinheiro. Então, havia essa “acusação” contra a Museologia: agora eles querem fazer tudo. Existia até um ressentimento, né?

L.D.O. - É, tinha. Tinha sim. Vocês vão ver pela história da FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] e pela própria discussão de vagas. O curso de Museologia ganhou dez vagas, mas a questão nas plenárias era: para quem iriam estas vagas? E numa democracia, cada voto vale um. Como a maioria era da Biblioteconomia, as vagas iam para a Biblioteconomia ou era uma negociação tão difícil, sabe? Se tu me perguntas se houve alguma resistência, eu lembro a sensação no corpo. De sair dura, cada vez que eu saía da plenária e de sentir vontade de chorar, sabe? Porque era uma coisa que, por mais que a gente imaginasse qual seria o próximo empecilho para a criação do curso, a imaginação nunca alcançava a realidade. Foi bem difícil a implantação. Ao mesmo tempo, deu condições da FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] ser o que é. Agora não sei como está, mas a gente instrumentou todos os cursos da Comunicação [do Departamento de Comunicação], por exemplo. E depois tinha que negociar para usar o laboratório que havia sido criado com o curso de Museologia, sabe? Então, foi bem difícil. Porque por mais que a gente tivesse imaginação, nunca alcançava o que era a realidade daquela pedreira. Aliado a isso, quando eu entrei aqui na FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] praticamente não pude recusar entrar no PPGCOM [Programa de Pós-Graduação em Comunicação]. Só que eu era uma arqueóloga num lugar onde havia muitos jornalistas e pouca gente da Ciência da Informação. E era Pós-Graduação em Comunicação e Informação [nome na época de seu credenciamento], que eu



defendia até o último momento que continuasse assim porque, realmente, até hoje eu acho que Informação e Comunicação andam juntas. A FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] é o lugar da Museologia. E daí, também era complicado ali no PPGCOM [Programa de Pós-Graduação em Comunicação]. Aí já era uma outra disputa, uma outra linha, que era todo o pessoal da Comunicação. Era bem complicado. Tanto é que depois chegou um momento em que eu saí, não segurei mais, sabe? Eu trabalhava com arte rupestre, por exemplo. Não existe nenhum livro de comunicação que na primeira folha não tenha menção a arte rupestre. Só que eles não consideram isso comunicação. Então, para os meus projetos eu nunca tinha dinheiro, eu nunca tinha incentivo. Era complicado de trabalhar assim.

K.M.A. - E com todas as dificuldades, quem tu dirias que foram as pessoas fundamentais para realmente criar o curso e esse projeto ir para frente?

L.D.O. - A comissão toda trabalhou muito forte. E é claro, tem as pessoas que já estavam, né? A Marlise [Giovanaz], a Iara [Conceição Bitencourt Neves], o Valdir [José Morigi] eu acho que ele era o diretor da Faculdade [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], a Dalla [Ana Maria Dalla Zen] entrou depois de um tempo. Bom, tem na Portaria de nomeação da comissão, vocês podem ver. Mas havia pessoas que depois não foram citadas: a Martha [Eddy Kling] Bonotto, tinha uma professora substituta que se chamava Kátia, que trabalhava com fotografia. Não me lembro o sobrenome dela...

M.G. - Kátia [Becker] Lorentz, ela era substituta da Arquivologia.

L.D.O. - Havia uma professora que não era da FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], que se chamava Sônia...

M.G. - Sônia Fontoura [Cardoso].

L.D.O. - Sônia Fontoura [Cardoso], isso.



M.G. - Que era da Escola Técnica.

L.D.O. - Da Escola Técnica, exatamente.

M.G. - A Jane Caon, que é tia da aluna Lizandra [Caon Bittencourt]. A Jane [Caon] era da...

A.C.G.F. - Da Escola Técnica? Eu acho que era da Escola Técnica também.

M.G. - É, exatamente, da Escola Técnica também.

L.D.O. - É, tinham várias pessoas ali da Escola Técnica, para fazer essa pesquisa de mercado foi toda uma função. Vocês sabem como é fazer pesquisa, né? Metade responde e metade não responde. A gente tinha que ir atrás de todo mundo para ver se respondiam e foi toda uma conjuntura, também da mudança do Governo Federal e toda essa questão de incentivar os cursos. Vê, de uma hora para a outra, pipocaram cursos de Museologia pelo Brasil todo e antes tinham dois, depois três... Acho que o nosso foi o quarto, se não me engano, né?

M.G. - É, naquele ano de 2008 vários surgiram.

L.D.O. - Tinha Pelotas também. Tu perguntaste pelas dificuldades, assim... Como a gente entrou dentro de um Departamento da Ciência da Informação, havia toda uma corrente teórica que achava que a Museologia não tinha que estar aqui, o que foi desaguar na nossa primeira nota do MEC [Ministério da Educação], por estar o curso muito ligado à Ciência da Informação. Só que havia duas questões: primeiro porque eu acho que aqui seria o lugar para a Museologia. Segundo porque a gente não tinha professores, né? Então, nossa! Houve época em que a gente lecionava cinco disciplinas, algumas novas, recém-criadas. Que nunca tínhamos lecionado, sabe? Porque tudo começou do zero. A gente foi criando essas disciplinas e algumas aproveitando da



Biblioteconomia, algumas aproveitando da Arquivologia, outras da História da Arte que eu acho que também foi criada nessa leva, que é um curso muito irmão nosso aqui da Museologia.

V.W.G. - A gente também queria saber como que a tua trajetória profissional e acadêmica auxiliou no processo de construção do curso. De repente nas disciplinas que citou agora?

L.D.O. - Eu lecionava nas disciplinas ligadas à História, Arqueologia e objetos em geral. Eu já dava a disciplina de História do Rio Grande do Sul, na Arquivologia. Antes eu dava a História dos Registros Humanos, na Biblioteconomia. Depois a Marlise [Giovanaz] começou a dar essa disciplina. Teoria do Objeto também, que tem tudo a ver com a Arqueologia. Lecionei Paleografia, com Marlise também. Trabalhei muito com Semiótica, a minha vida toda, também muito ligada à questão de objetos em geral. Minha carreira é ligada a Museologia porque é muito próxima da Arqueologia. E eu trabalhava com documentação, que é uma área enorme da Museologia e superimportante também. Às vezes a gente não pensa muito sobre a constituição dos acervos. E aqui no Rio Grande do Sul, por exemplo, teve muita pesquisa arqueológica, só que os acervos estão em uma situação muito lastimável. Então, eu comecei a fazer um movimento para que a gente tivesse um cuidado especial com os acervos. E isso é ligado à documentação no sítio arqueológico, que é o que eu trabalhava, mas também quando o acervo chega no museu e vai para uma reserva técnica. Olha, os acervos aqui estão muito mal! Porque quando a gente ia e escavava, por exemplo, fazíamos o registro numas fichas de papel. Escavava têxtil, cerâmica, lítico e tudo isso... E botava numa ficha de papel, assim, dizendo qual era o sítio e qual era a camada na qual foi resgatado aquele objeto, várias questões assim... Mas eram fichinhas de papel dentro de sacos plástico que ficavam guardadas junto com o material que suava com a umidade. Atualmente tem muito acervo que está dissociado de informação e



que, para a Arqueologia, não vale mais, né? Porque se tu não sabes de onde veio, não serve. E essa é a realidade de muitos acervos arqueológicos aqui. Eu participei da primeira reunião que ocorreu no Museu de Porto Alegre [Museu Joaquim Felizardo]. Foi um pouco antes de eu me aposentar. Agora tem toda uma constituição de acervos na SAB, que é a Sociedade de Arqueologia Brasileira. Porque, antes, arqueólogo escavava, depois entrava na reserva técnica e ficava. E tudo é muito ligado, porque nesse momento começou a ter muita pesquisa arqueológica. Teve também todo esse plano de PAC [Programa de Aceleração do Crescimento] e não sei o quê... Começou a abertura de estradas e grandes obras. E tudo isso, pela legislação, exige que haja uma pesquisa arqueológica. Então, veio tudo junto. Quer dizer, uma grande massa de objetos entrando nos museus e ninguém se preocupando com sua documentação... Desde 1978/1979 eu já me preocupava com essa questão. Tanto é que eu fui fazer esse projeto de gravar em VHS [Vídeo Home System]. Comecei a gravar em VHS [Vídeo Home System] todas as imagens e fiz vídeos. Então, em vez de o professor chegar para fazer uma palestra e mostrar as imagens, ele podia mostrar o vídeo sobre São Lourenço, por exemplo, que acho que foi um dos primeiros que a fizemos. A gente fez na sala da minha casa e na PUC [Pontifícia Universidade Católica] e era todo ele feito em cima de fotografias. É um vídeo muito bacana, nem sei se ainda há cópias dele, mas devo ter em casa alguma cópia. O vídeo foi todo feito em cima de fotografias projetadas na parede branca da minha sala. A gente fazia até panorâmicas nas fotos. Não era só a foto estática. Foi uma coisa muito bacana, sabe? Do tempo em que estava começando a ter vídeos, e vídeos em documentação arqueológica não tinha. E poucas pessoas editavam. Então, eu tinha a sorte de ter esses dois gravadores em casa. Era o gravador separado da câmera, sabe? Depois a gente conseguiu uma ilhazinha de edição muito rudimentar, que se conseguia botar, por exemplo, as legendas e trilha também. Botar textos, também. Mas era... Nossa! O artesanal do artesanal. Então, a Arqueologia e a



Museologia são muito ligadas. E eu trabalhei com Semiótica minha vida toda. Semiótica é muito próxima da Documentação, porque o que tem por baixo, no subsolo, que a gente não vê nas macros de programas de documentação, são questões semióticas de como definir um objeto. Então tudo isso no subsolo é Semiótica, apesar de que a gente pega os programas quase prontos. E quando eu fiz Engenharia Química eu entrei bem novinha, eu tinha 16 anos quando eu comecei a fazer. A gente fazia programas na linguagem Fortran, que é uma coisa muito ancestral, não sei se tu lembra né Lourdes [Maria Agnes]?. Então, eu fazia Engenharia Química na PUC [Pontifícia Universidade Católica], e a programação era feita em uns cartões que eram perfurados. A gente digitava ou datilografava em uma máquina, como se fosse uma máquina de escrever, e ela perfurava os cartões. Se fazia linha por linha do programa, cada linha era uma ficha. O CPD [Centro de Processamento de Dados] do computador era uma sala inteira, então tu saías dali e botava pra rodar o teu programa. Mas era assim: tu levava o programa em uma caixa de sapato e se por um acaso tu errasse uma linha, ou um dos cartões estivesse fora da ordem, ou se tropeçasse e derrubasse alguma ficha, o programa inteiro não rodava, era uma coisa muito interessante. O que agora a gente perde de vista é que todos estes programas são linha por linha, todo mundo fala o algoritmo e o algoritmo é isso, são linhas e mais linhas de comandos, como uma receita de bolo. Isso é uma receita de bolo, como cozinhar ou fazer alguma coisa e a gente esquece, por exemplo, que para descrever um objeto, existe um subterrâneo é a Semiótica.

K.M.A. - Além das aulas que lecionava, quais projetos de extensão coordenou? Sabemos que realizou alguns projetos fora do Brasil...

L.D.O - Eu trabalhava com arte rupestre, era meu projeto em documentação. Então em 2001 eu dava aula na ULBRA [Universidade Luterana do Brasil], eu ia com bolsista meu da Arqueologia para Cuba num projeto de arte, em um Congresso de Arte Rupestre e dois dias antes explodiram as Torres [Gêmeas



do World Trade Center], então não saiu a viagem. Cuba disse que não garantia a segurança de quem ia e foi adiado. Quando ocorreu este congresso lá em Cuba eu conheci um pessoal da Colômbia que trabalha com documentação em arte rupestre, que se chama Grupo de Informação em Arte Rupestre (GIPRI), e daí eu segui em contato com eles, fizemos trabalhos juntos.

V.W.G. - Pensando toda esta trajetória desde a estruturação do curso até hoje, quais eram os deslumbres de vocês? Atingiram o objetivo? Como vê a Museologia agora?

L.D.O. - Olha, agora a pouco eu tive na Argentina, eu estou escrevendo um livro sobre as Missões Jesuíticas que foi a minha tese de doutorado e eu tive na Argentina visitando as Missões e eu voltei muito impactada de lá, muito chocada. Porque na Argentina agora, eu tive só nas Missões de Corrientes e uma parte de Misiones, mas eu estava com um museólogo que está fazendo vários museus por lá e um geógrafo mexicano que trabalha com rotas de turismo. Então nós visitamos várias missões, e agora na Argentina pelo que eu entendi, estão com o conceito que se chama Centro de Interpretação, não sei se vocês conhecem este conceito? Eu diria que é um Centro de Livre Interpretação... é um prédio que foi construído exatamente em cima das estruturas das missões, mas não fizeram nenhum trabalho de resgate, ninguém sabe onde foi parar aquele material que resgataram, o prédio tem pouquíssimo material, acervo quase não tem, não tem reserva técnica. A exposição tem pouquíssima informação. Em La Cruz e Yapejú é impressionante porque as esculturas estão tomadas de cupim. Não dou dez anos para a estatuária missioneira de alguns museus não exista mais. E eu diria que se instalou o neoliberalismo na Museologia, que é uma coisa muito ruim porque não tem nada que ajude as pessoas a interpretarem, além das vozes da cabeça de cada um. Percebam que a minha trajetória é um pouco uma trajetória de “só me convidam uma vez” [risos ao fundo novamente], a segunda vez já não me



convidam... mas é alarmante ter Centros de Interpretação em cima do cabildo, ou em cima da casa dos jesuítas e sem o cuidado de registrar onde está o material que foi resgatado, ninguém sabe, porque tem várias instancias que regulam o patrimônio na Argentina. É uma coisa impressionante o que está acontecendo.

S.L.V.J. - Li no seu memorial e me chamou atenção a questão do Museu de Rua. Que foi para São Paulo e conheceu o Museu de Rua e implementou aqui em Porto Alegre...

L.D.O. - O Museu de Rua, apesar das pessoas acharem que é um painel com fotos e textos, tem uma teoria por trás disso; foi criado pelo arquiteto Júlio Abe [Wakahara], agora ele morreu na pandemia. O Júlio [Abe Wakahara] era mais prático, mais intuitivo e visual. Eu fui fazer uma oficina em São Paulo para aprender a montar um Museu de Rua. Quando voltei, montei um grupo com mais três colegas recém-formadas em História e vendemos a ideia para a prefeitura de Porto Alegre. Fomos para São Paulo algumas vezes para nos reunir com Julio e discutirmos a teoria por trás, sabe? Em primeiro lugar, o que o Julio [Abe Wakahara] estava identificando ali... é que ali, na década de setenta, de oitenta, estava tendo uma explosão urbana no Brasil. O que ele fazia era, a partir das fotos antigas, de acervos das pessoas, principalmente acervos pessoas, fazer uma arqueologia de baús nas casas das pessoas e ali tu já pega o depoimento das pessoas e de como era aquela rua, aquela vizinhança... e daí tu pega um fotógrafo, no caso eu fiz as fotografias de dois museus. E daí tu mostra o contraste do que é hoje e do que foi ontem da perspectiva das lembranças, da memória ligada as imagens do que foi ontem. Do que era ontem, com uma pessoa de hoje contando suas memórias provocadas pelo seu álbum de fotografias. Eu gosto muito dessa imagem: a memória é uma biblioteca com livros que, quando tirados da estante, eles se escrevem na mesma hora, com as tintas da memória do hoje. Então, esse jogo



tem a memória, tem o passado, tem o presente... é trabalhar como o discurso das pessoas, com a memória das pessoas, com os baús.

M.G. - E acho que ao contrário de desmerecer o patrimônio e a memória, esse conceito de Museu de Rua constrói novos acervos, potencializa.

L.D.O. - Também, foi todo o acervo do Museu [de Rua] para o Museu de Porto Alegre [Joaquim Felizardo], os painéis, toda a pesquisa produzida. Mas não tiveram a sensibilidade de saber que eram acervos do presente para um futuro. Hoje em dia ninguém sabe onde é que está, nem guardaram o acervo da pesquisa, nem os painéis. Nós fizemos três museus, foram feitas três pesquisas de folego, e se perdeu, ninguém sabe onde que estão. As fotos do Museu de Rua do São Pedro eu tenho porque fui em quem fiz todas elas.

S.L.V.J. - Pode explicar metodologicamente? Como vocês fizeram isso, vocês foram atrás das pessoas como? Quem eram essas pessoas?

L.D.O. - O primeiro que nós fizemos foi sobre a Rua da Praia [Rua dos Andradas], então nós pesquisamos muitas pessoas ali ao redor, assim, pessoas que tivessem fotos antigas e cada pessoa que tinha a foto antiga a gente fazia a história oral. Então tem todo o acervo, tinha, não sei onde que anda. Naquele momento ali a gente fazia com fita cassete, então eu entrevistava as pessoas e elas iam olhando as fotos e contando como que era, memórias em cima das fotografias, pouca foto institucional, todo um discurso de memória em cima da fotografia, a ideia era essa. Depois tinha a etapa de montar os painéis. Testamos várias técnicas. Mas a Prefeitura exigiu que fossem como sanduiches de vidro. Na rua ... quebraram alguns.

S.L.V.J.- Tipo “Como era a Rua da Praia anos atrás”, isso?

L.D.O. - É, conversávamos sobre hábitos, por exemplo diziam “tinham as pessoas, iam lá, caminhavam com a sua melhor roupa, iam namorar...” e



assim nós entrevistamos muita gente. E depois nós fizemos um sobre o Bom Fim, que foi muito bacana, e nós fizemos também um sobre o Hospital [Psiquiátrico] São Pedro, que era o momento da sociedade sem manicômio. Então os psicanalistas que trabalham com isso nos pediram para fazer esse e aí nós fizemos uma adaptação e entrevistamos pessoas do Hospital [Psiquiátrico São Pedro], que moravam lá, mas também pessoas que trabalhavam lá. Então essa foi uma adaptação, mas sempre a partir da história a oral, que produzia novos acervos.

M.G. - Novos acervos, identifica acervos, essa é uma diferença dessa interpretação.

L.D.O. - Mas o problema é que como eram entrevistas presentes, o Museu de Porto Alegre [Joaquim Felizardo] não identificou como algo histórico, pois era uma história oral, ou alguma coisa assim, e se perdeu.

A.C.G.F. - Se você puder contar também, me lembrei agora, do projeto de arqueologia subaquática... não teve? Foi um projeto de extensão ou pesquisa?

L.D.O. - Sim, foi minha especialização em Arqueologia Subaquática que foi base para um projeto de pesquisa junto com o Rualdo [Menegat]. Outro problema na ciência é a questão dos conceitos. Eu tinha uma disciplina compartilhada de Geoarqueologia com o professor Rualdo [Menegat] e trabalhávamos num projeto sobre identificação de pigmentos de pinturas rupestres da Colômbia. Eu o convidei para fazer esse projeto de Arqueologia Subaquática do Guaíba. E tem toda a velha discussão se o Guaíba é um rio ou um lago. E no meu projeto eu assumi que o Guaíba é um lago e com todas as implicações que têm, só que todo mundo que é influente diz que é um rio. Então, foi um projeto bem bonito, que entrevistou pescadores, fomos várias vezes a campo, nas Ilhas [do Arquipélago], e eu comecei a fazer contato com a Marinha do Brasil, mas a Marinha considera que o Guaíba é um rio, então o



comandante lá ficou meio assim, mas eles abriram o arquivo para a gente pesquisar, foi quando eu fiquei doente e não foi dado prosseguimento. Era um projeto bem bacana, tem muita coisa no Guaíba, porque a prima pobre na Arqueologia Subaquática é onde eu trabalho, são as águas interiores. Quem trabalha com Arqueologia Subaquática trabalha nas praias, naufrágios com galeões, com dinheiro, com moedas de ouro, tesouros incríveis, eu até participei de um projeto perto de Itaparica. Nas costas de Itaparica tem um galeão espanhol afundado, era um projeto da Universidade do Texas, eu pela UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] e um arqueólogo da FURG [Fundação Universidade do Rio Grande], mas eu não descí, pois precisava de seguro para descer e eu não tinha, mas eu tenho certificação de mergulho. A gente foi a alto mar onde está esse galeão, a vinte metros de profundidade, e lá eles querem fazer um museu de percurso de mergulho. Tem esse galeão espanhol e um galeão português muito próximos um do outro. Quando os portugueses viram que seriam atacados pelos espanhóis, o único recurso que os portugueses tinham era se jogar contra o galeão espanhol. Foi o que fizeram. Os dois afundaram a uns 200 metros de distancia. Então, naquela campanha de arqueologia subaquática, a ideia era fazer um croqui de todo o sítio, do galeão espanhol até o galeão português. Seria um museu de percurso embaixo d'água, para um público especializado, pois são vinte metros, que não é qualquer coisa para mergulhar. É um projeto bem bonito, minha parte era trabalhar com a documentação.

V.W.G. - **Palavras finais?**

L.D.O. - Obrigada!

[Final do depoimento]



Presenciaram a entrevista com Lizete Dias de Oliveira:

Amanda Trois da Silva

Ana Carolina Gelmini de Faria,

Diogo Santos Gomes,

Igor Duarte Flores Pinto,

Jefferson Magueta Trevisan,

Klara Maciel Albarenque,

Lizandra Caon Bittencourt,

Lourdes Maria Agnes,

Marlise Giovanaz,

Sergio Luiz Valentim Júnior,

Victoria Honnef Medeiros,

Vitória Werlang Giraldo.



UFRGS
PPGMUSPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

OLIVEIRA, Lizete Dias de. **Lizete Dias de Oliveira**. [Entrevista concedida a Klara Maciel Albarenque, Vitória Werlang Giraldo e Sérgio Luiz Valentim Júnior. Porto Alegre: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/ UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes, 7 de fevereiro de 2023. 15p.